

AGRICULTURA FAMILIAR EM ÁREA PERIURBANA DO MUNICÍPIO DE ANANINDEUA-PA: PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS

Yohane Figueira Honda¹

Sérgio Castro Gomes²

Eugênia Rosa Cabral³

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as práticas da agricultura periurbana e identificar as formas de produção e comercialização dos agricultores no bairro do Curuçambá localizado no município de Ananindeua, pertencente à Região Metropolitana de Belém (RMB). A importância do estudo reside no fato de identificar e discutir o sistema de produção e os canais de comercialização dos produtos da agricultura familiar na comunidade do Curuçambá, considerando, as práticas de cooperação e associativismo, e as ações do poder público como forma de induzir a formação de um sistema produtivo que retroalimente a produção e promova o desenvolvimento econômico e social. O trabalho foi desenvolvido com base em resultados de levantamentos bibliográficos sobre práticas e experiências da agricultura familiar desenvolvida em espaços urbanos, assim como levantamento de documentos junto a órgãos públicos e entrevistas junto aos agricultores em que foram coletados relatos sobre dados referentes às características de produção e comercialização. Os resultados mostram a presença de atividades agrícolas desenvolvidas na área periurbana do município, a prática da agricultura familiar como importante atividade para uma parcela da população que produz e reproduz essa atividade para o sustento socioeconômico das famílias.

Palavras-Chave: Agricultura periurbana. Reprodução rural. Curuçambá.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia (PPGEDAM), Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: yohane009@hotmail.com

² Docente titular do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPAD) - Mestrado e Doutorado, Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: sergio.gomes@unama.br

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Ciência Política (PPGCP), Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: ercabral@uol.com.br

FAMILY FARM IN THE PERIURBAN ANANINDEU-PA MUNICIPALITY AREA: PRACTICES AND STRATEGIES DEVELOPED

ABSTRACT

This study aims to analyze the practices of periurban agriculture and identify the forms of production and marketing of farmers in the Curuçambá located in the municipality of Ananindeua, belonging to the metropolitan region of Belem (RMB). The importance of the study is to identify and discuss the production system and marketing channels of family agriculture in the community of Curuçambá, whereas cooperation practices and associations, and the actions of the Government as a way to induce the formation of a production system that feed back into production and promote social and economic development. The work was developed based on results of bibliographic surveys on practices and experiences of family agriculture developed in urban spaces, as well as lifting of documents with government agencies and interviews with farmers in that were collected reports on life history and data on the characteristics of production and marketing. The results evidenced the presence of agricultural activities developed on the periurban of the city, the practice of family agriculture as an important activity to a portion of the population that produces and reproduces this activity to the socio-economic livelihood of families.

Keywords: Agriculture periurban. Rural reproduction. Curuçambá.

1. INTRODUÇÃO

Nas regiões metropolitanas percebe-se a tendência a uma homogeneização dos espaços pelo processo de urbanização (SILVA, 2012). No entanto, nessas regiões são visualizadas diversas relações sociais rurais que dispõem da organização em cooperativas e núcleos familiares de agricultores, realizando um sistema de trocas e ajuda mútua para produção.

Na prática da agricultura, que nos remete em um primeiro momento a um pensamento tradicional rural, e que está presente dentro da Região Metropolitana de Belém (RMB), o agricultor cria e recria no ambiente urbano, espaços para a sua reprodução, e traz consigo, um estilo de vida rural (plantar, colher, vender) e relações cotidianas diferentes de um cidadão urbano (SILVA, 2012).

A discussão da agricultura familiar nos propõe a caracterizar e delimitar a sua essência considerando a trajetória desses produtores no que diz respeito ao movimento temporal, na busca de um espaço para produção e os desafios e oportunidades que se apresentam como estratégias de produção com conteúdo socioespacial diverso (urbano ou rural), além dos diferentes tipos de agricultores possuindo seus próprios interesses particulares, no que se refere a estratégias de sobrevivência e produção (SILVA, 2012).

A agricultura familiar está cada vez mais diversificada atualmente, transcendendo sua produção tradicional no espaço rural, e se reproduzindo em espaços urbanos com a agricultura urbana (AU) e periurbana (AP), em que são desenvolvidas atividades de produção de hortifrutigranjeiros (FERREIRA, 2013).

A agricultura urbana refere-se a pequenas superfícies situadas dentro dos limites urbanos explorando as atividades agrícolas e concentram-se largamente em produtos que não requerem grandes extensões de terra, podendo ser realizados, em quintais urbanos, nos de tetos, hortas em terrenos e espaços não utilizados ou públicos e destinadas à produção de cultivos abrangendo, o plantar e o colher de cereais, hortícolas, plantas medicinais, ornamentais e frutíferas, além da criação de pequenos animais, e é multifuncional (MOUGEOT, 2000).

Segundo Sequeira (2014), a agricultura periurbana é definida como unidades agrícolas presentes em áreas periféricas das cidades, onde, geralmente, aglomeram-se famílias de baixa renda que criam pequenos animais como frangos e porcos, produzem leite e ovos e cultivam hortaliças, podendo ser classificadas como granjas comerciais ou semicomerciais. Geralmente essa agricultura periurbana é praticada por famílias com o

poder aquisitivo menor e que buscam na produção agrícola formas de garantir alimentação e de aumentar o seu nível de renda.

A agricultura urbana e periurbana estão presentes em vários municípios no Brasil e a espacialização desse tipo de produção rural na cidade tem resistido à contínua expansão de infraestrutura da urbanização e, apesar de serem unidades espaciais distintas, a relação do mundo rural no urbano podem acontecer segundo Spósito (2006) no mesmo território ou em micro parcelas territoriais com uso do solo e práticas socioespaciais diversas.

Na capital paraense Belém, Silva (2012) identificou a reprodução dessa agricultura urbana em alguns bairros como: Terra Firme, Guamá, Jurunas, Benguí, Tapanã, Tenoné. Com a característica de que a produção se realiza nos quintais das residências e em grandes sítios em que se observa a produção de subsistência e a criação de pequenos animais servindo como complemento alimentar e renda familiar.

Segundo Sequeira (2014) as iniciativas produtivas agrícolas no município de Ananindeua estão localizadas na parte insular do município chamado de regiões das ilhas e no bairro do Curuçambá, está última possuindo duas organizações de agricultores familiares, a Associação de Produtores Rurais de Ananindeua (APA) e a Cooperativa dos produtores Gleba Guajará-Pará (COPG), conforme observação *in loco* da pesquisa. Nessas áreas periurbanas e em partes fragmentadas nesses bairros são observadas características de espaços rurais e de modo de vida rural como definidos por Silva (2012) e Sequeira (2014).

A motivação para investigar esse tema reside no fato de tentar entender quais práticas de produção e de comercialização da agricultura familiar encontram-se presentes em uma área definida como periurbana, no município de Ananindeua, em que se desenvolvem culturas de hortifrutigranjeiros e a criação de pequenos animais, considerando a lógica imposta pela proximidade com o meio urbano e a trajetória social dos agricultores.

A escolha da comunidade do Curuçambá, em especial a Cooperativa dos Produtores Gleba Guajará-Pará (COPG), deve-se a questões do trabalho ser realizada por agricultores familiares, o que contribuiu o contato com os membros da cooperativa e o acesso a moradores residentes no local, há muitos anos, e que se dispuseram a relatar a sua trajetória de vida e a ocupação do espaço e pelo fato do bairro do Curuçambá possuir condições favoráveis a realizações dessa atividade agrícola.

No que concerne à realização dessa prática agrícola nas áreas das grandes

metrópoles, a produção encontra-se cada vez mais limitada, em função ao alto grau de urbanização, limitando essa produção principalmente nas partes periféricas da cidade. Com efeito, tem-se, por um lado, a necessidade de novas tecnologias de produção para espaços reduzidos; por outro lado tem-se a oportunidade de comercialização desses produtos diretamente com os consumidores mais próximos a preços mais justos e o acesso aos mercados.

Como pergunta de pesquisa destacam-se quais práticas de produção agrícola são desenvolvidas pelos produtores da comunidade Curuçambá e que formas de comercialização são estabelecidas com os agentes econômicos locais?

Com base nessa questão o objetivo geral do trabalho está em analisar as práticas de produção e comercialização da agricultura familiar presente na comunidade do Curuçambá, no município de Ananindeua, pertencente à Região Metropolitana de Belém (RMB), considerando a compreensão da lógica da reprodução desta atividade rural no conteúdo socioespacial urbana.

2.METODOLOGIA

2.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Dos instrumentos metodológicos a primeira etapa para realização do trabalho foi a partir da análise bibliográfica sobre agricultura periurbana, com base nas discussões de como essa atividade agrícola reproduzem em ambientes urbanos e entender o processo de produção e comercialização nas feiras e mercados populares que estão inseridos os agricultores familiares.

A segunda etapa do trabalho focalizou-se no levantamento de dados secundários como documentos de instituições públicas referentes à agricultura familiar, como a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Empresa de Assistência e Extensão Rural (EMATER), Prefeitura Municipal de Ananindeua (PMA), com objetivo de análise dos dados oficiais, documentos relativos à produção agrícola, as políticas públicas que servem de fomento aos agricultores locais.

A terceira etapa foi a pesquisa de campo junto aos agricultores mais ativos da Cooperativa, sendo totalizados 8 agricultores e mais o Presidente da COPG.A entrevista foi efetivada a partir da realização de entrevista semiestruturadas ou semiaberta. Para Manzini (2004) esse tipo de metodologia utiliza um roteiro estabelecido com perguntas focalizadas com um objetivo de recolher dados importantes e específicos para a

pesquisa, mas a momentos em quena entrevista podemsurgir informações de forma mais livre e aberta àsrespostas nesse sentindo não ficando condicionadas a uma padronização de alternativas.

Essas etapas foram empregadas para a obtenção dos dados primários, a saber: na identificação do produtor; localização do produtor; classificação do produtor; perfil sócio demográfico; formas de organização diversidade agrícola e práticas de manejo adotadas; destino da produção; dificuldades enfrentadas pelas famílias na prática da AP.

2.2 SUJEITOS DA PESQUISA

As entrevistas com os agricultores foram realizadas com a autorização dos mesmos para utilização dos dados obtidos e registradas em campo, buscando a preservação da identidade e informações dos entrevistados.

Nos diálogos com os participantes da pesquisa foram obtidas informações quanto à sua produção, comercialização, sua renda familiar, número da família, se possui outra profissão além da agricultura e sobre seu cotidiano. Além dessas informações foram obtidos dados qualitativos dos agricultores, relatos da história de vida, as motivações que levaram a migrar para o bairro do Curuçambá, o modo de vida rural representados no espaço urbano do município de Ananindeua.

Os procedimentos metodológicos permitiram ao pesquisador possuir informações quantitativas e qualitativas que contribuíram segundo May (2004, p. 145) em gerar “compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas”.

Além das entrevistas semiestruturadas, no trabalho de campo utilizou-se de registro fotográfico para ilustrar o espaço dessa agricultura, a produção das hortaliças, conhecendo as suas práticas cotidianas.

3. CARACTERISTIZAÇÃO TERRITORIAL DO BAIRO CURUÇAMBÁ E FORMAÇÃO DA COPG

A reprodução de atividades agrícolas em espaços urbanos vem se afirmando como importante segmento estratégico no que se refere ao abastecimento alimentar das cidades e para o desenvolvimento socioeconômico dos agricultores, com a permanência de um estilo de vida diferenciado de quem vive na cidade, proporcionando emprego e renda seja na forma individual caracterizado pela organização familiar ou com as

associações e cooperativas que fortalecem a categoria.

A prática de uma produção agrícola desenvolvida em torno das grandes cidades está voltada para o abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros, com predominância de hortaliças e outros produtos que complementam a cesta básica dos residentes nas regiões metropolitanas (LEITE; LOPES, 2002).

A agricultura praticada no município de Ananindeua com destaque para as lavouras temporárias (mandioca e milho), pimenta do reino, criação de pequenos animais (suínos e frangos) e as hortaliças como: alface, couve, cheiro verde, jambu, entre outros (IDESP, 2013), abastece a RMB devido à proximidade do mercado consumidor forte, formado pelos municípios de Belém e Ananindeua.

O município de Ananindeua, historicamente, se torna o lugar de destino para muitos migrantes do interior do estado do Pará, de outros Estados da região Nordeste do Brasil e principalmente à população de baixa renda de Belém, considerando que o “inchaço populacional da capital paraense implicou em estratégias da ocupação na cidade vizinha” (BASTOS, 2013, p.27). Essas estratégias implantadas pelo Estado na formulação dos conjuntos habitacionais começam a se desenhar em Ananindeua multiplicando-se na chamada “área de expansão”, seguindo o modelo das “cidades novas”, o que promoveu um “adensamento populacional e acelerou a incorporação das terras ao mercado imobiliário”(MARIN; CASTRO, 2004, p.75) e também ocorreu o aumento nas ocupações espontâneas na parte periférica do município.

Concomitante a esse processo o município de Ananindeua enfrentou uma aceleração na ocupação da área urbana, com reflexos diretos na desestruturação das ocupações rurais em função das transformações do uso da terra do município, principalmente no bairro do Curuçambá.

A implantação do Conjunto Cidade Nova no povoado do Coqueiro modifica a base rural de parte expressiva da área do município de Ananindeua – antes possuía uso rural-produtivo devido a grande quantidade de propriedades rurais (retiros, sítios e granjas) – transformando-o em espaço urbano-habitacional voltado para o consumo coletivo (SANTOS, 2012, p. 78).

Com esse efeito o bairro do Curuçambá aos poucos vê a transformação do seu perfil de ocupação, de um predomínio rural para o começo das “ocupações tipicamente urbanas, entram em cena, as invasões de terras” (BASTOS, 2013, p. 30).

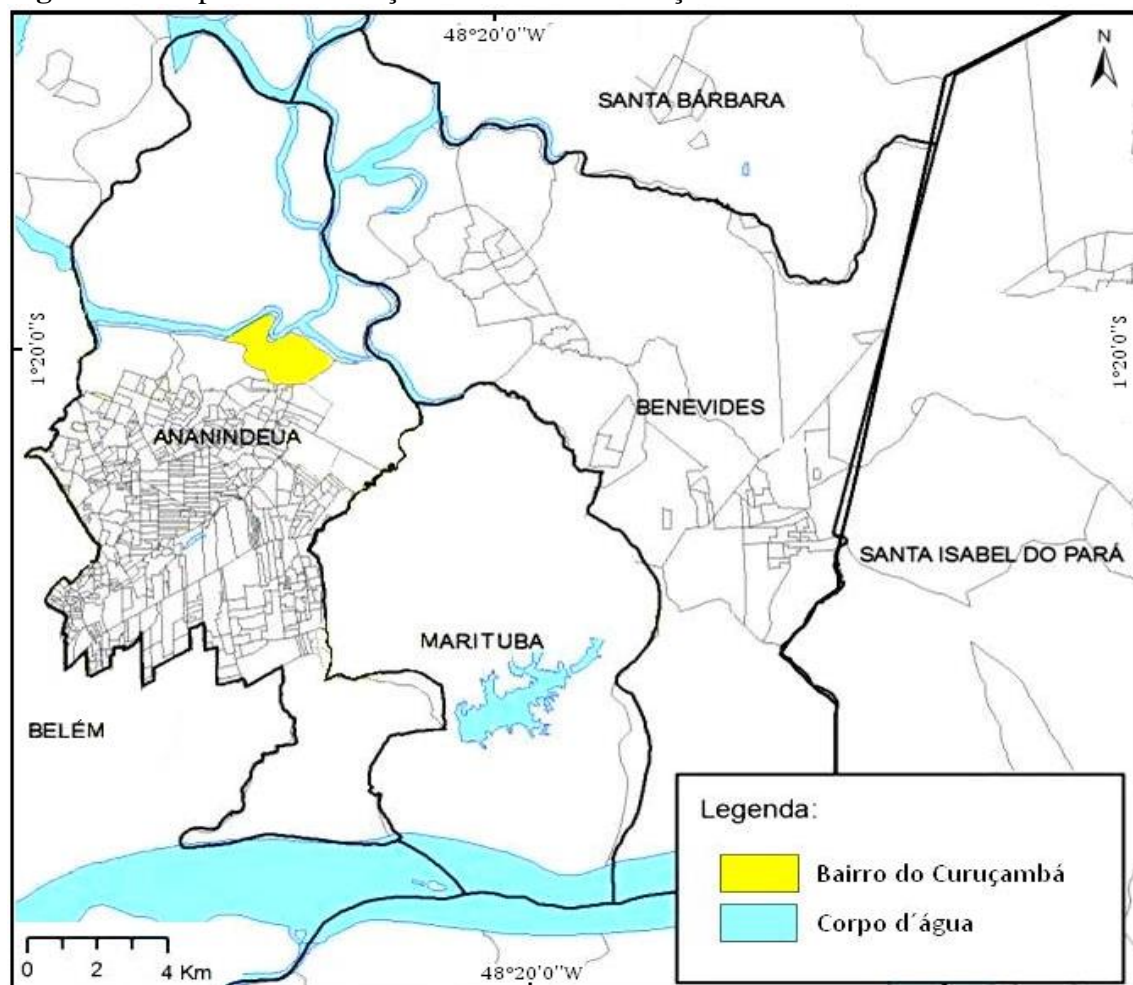
O bairro Curuçambá tem sido polo frequente de recepção de migrantes desde a década de 1980, consequência do adensamento populacional dos Conjuntos Cidade Nova e PAAR, considerados corredores de

acesso desta área. Por possuir em seus arredores, grandes áreas de densas florestas esse espaço tem sido ao longo dos anos constantemente ocupado pela população oriunda de outros estados do país e de outras regiões do estado do Pará, formando assim novas áreas habitacionais precárias e sem infraestrutura. (SANTOS, 2012, p. 85).

Por estar localizado na área periurbana do município de Ananindeua, o bairro Curuçambá atrai e absorve esse grande contingente populacional que vem da periferia de Belém e do interior do estado do Pará, que buscam a ocupação de espaços com preço do solo urbano mais em conta para se fixar e também pelas proximidades da capital Belém. Outro fator de atração se refere a sua localização numa área propícia para a realização da agricultura, desenvolvida em torno de cooperativas e na forma individual, com predomínio da atividade de hortas orgânicas, produção de pomares e criação de pequenos animais (LEITE; LOPES, 2012).

A população residente no espaço urbano em Ananindeua, em 2010, foi de 470.819 habitantes segundo o IDESP (2013), com taxa de urbanização de 99,75% o que permitem concluir que Ananindeua é um município nitidamente urbano. Como consequência desse aumento da urbanização tem-se a redução de áreas rurais para produção dentro do espaço urbano. Os dados censitários sistematizados por Santos (2012) mostram que 1.154 pessoas residentes no meio rural do município praticam agricultura em quintais das suas residências, e em áreas com produção da horticultura, cultivo de açaí (nas regiões das ilhas) e criação de pequenos animais cujo excedente é comercializado no mercado local gerando alimento e renda às famílias.

O bairro do Curuçambá (Figura 1) possui uma peculiaridade devido à diversidade espacial presente nesta área: de um lado temos uma paisagem estreitamente rural com produção espacial rural nas ilhas do bairro e na parte continental na área periurbana, de outro lado, uma paisagem urbana com as estruturas e arquiteturas urbanas como os condomínios fechados.

Figura 1 – Mapa da Localização do Bairro do Curuçambá

Fonte: IBGE (2010). Adaptado pelos autores.

No município de Ananindeua, de acordo com Sequeira (2014), foram identificadas 12 iniciativas produtivas que trabalham com a agricultura familiar e estão localizadas em três comunidades distintas: bairro do Curuçambá, área Quilombola do Abacatal e a parte insular do município, chamada de região das ilhas. O bairro do Curuçambá possui duas organizações de agricultores familiares, a Associação de Produtores Rurais de Ananindeua (APA) e a Cooperativa dos produtores Gleba Guajará-Pará (COPG), cuja foto aparece na figura 2.

Figura 2 – Cooperativa dos Produtores da Gleba Guajará-Pará



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

O associativismo e o cooperativismo se caracterizam pela organização social e política, que por meio de projetos coletivos contribui, em certa medida, para a reprodução da agricultura em espaço urbano, com a distribuição dos ganhos em partes iguais dos cooperados. A associação nesse sentido tem como objetivo de “facilitar as atividades econômicas, culturais, entre outras, dos seus sócios” (SILVA, 2012, p.123).

Os agricultores no Curuçambá possuem um forte cooperativismo que fortalecem e elevam o trabalho cooperado e ajuda mútua dos agricultores. Neste sentido destaca-se a formação das organizações da Cooperativa dos produtores Gleba Guajará-Pará. No relato a seguir do Presidente da COPG, falando da formação da cooperativa no bairro do Curuçambá.

No ano de 1979 foi construída como caixa agrícola, a parte jurídica de uma caixa agrícola ela é restrita, certos benefícios ela não poderia absorver, ai tempo que chegou às associações e migramos para essa nova organização. Foi fundada a associação em 1988, só no ano de 2012 a associação virou uma cooperativa, porque a associação não poderia ter nota fiscal, a cooperativa gera (Presidente da COPG, Outubro/2015).

O surgimento da COPG está atrelado à organização dos agricultores, que teve seu início no ano de 1979. Organizados, primeiramente em uma associação a APHA (Associação dos Produtores Hortifrutigranjeiros da Gleba Guajará), e em 2012 a associação transformou na figura jurídica de Cooperativa, surgindo a COPG, trazendo mais benefícios que uma associação, nessa forma de organização, gera um aumento maior na margem de comercialização e juntos podem ter apoios sindicais e de programas sociais.

4.RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DA COOPERATIVA DOS PRODUTORES GLEBA GUARAJÁ-PARÁ

Das atividades desenvolvidas pela cooperativa envolvem mão-de-obra familiar, onde cada família vai gerir o seu próprio canteiro agrícola, observado que quase todos os componentes da família dedicam-se a agricultura. A contratação de mão de obra acontece eventualmente, nos períodos de grande colheita em que há grandes desgastes físicos com trabalho manual. Atualmente cerca de 8 agricultores trabalham de forma ativa nos estabelecimentos rurais da cooperativa, sendo que são 266 agricultores cadastrados e quando precisam de ajuda técnica ou econômica acionam a COPG, para encontros e reuniões sobre a produção e comercialização.

De acordo com os agricultores a prática da agricultura é diária, o cotidiano deles na cooperativa começa no período da manhã com a manutenção das hortas, frutas e das ervas, com trabalho manual seja no processo de irrigação da colheita (figura 3) e/ou na seleção dos produtos destinados a comercialização. No período da tarde é realizada a preparação da terra com o cultivo seja de novas sementes e ou na manutenção das espécies mais frequentes como couve, jambú e as ervas medicinais. Toda semana nos dias de quinta-feira ocorrem reuniões da EMATER – PA junto aos agricultores na cooperativa, sobre ajuda e assistência técnica para cultivo e a ajuda de fins econômicos com empréstimos e crédito rural para investimentos nos estabelecimentos rurais.

Figura 3 – Agricultor no processo de irrigação das hortaliças na COPG



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Quanto o uso de produtos químicos os agricultores afirmam que não costumam utilizar muitos agrotóxicos no processo produtivo, mas pelo motivo da conservação do alimento e da saúde humana, pois além da comercialização e abastecimento das feiras e mercados os mesmos produtos são utilizados na dieta alimentar das famílias dos agricultores, a preocupação nesse sentido e na preservação do produto agrícola. O uso de insumos químicos seja ele pesticidas ou inseticidas na COPG são conscientes e controlados, a utilização é em momentos de controle de pragas, mas sem agredir o meio ambiente no qual eles utilizam para a produção da agricultura. A maioria dos agricultores faz uso de defensivos naturais e alternativos como calda de fumo contra as larvas e lagartas na horticultura.

Os gastos com os insumos para a produção, segundo os agricultores, são na compra de mudas, sementes (principalmente a semente de coentro, couve e manjeriço), a lona para produção em estufas, compostos e húmus. Para melhor aproveitamento e menos desperdício dos produtos comprados eles se organizam e planejam qual o melhor espaço dentro da cooperativa para o cultivo da terra, pois segundo eles nem sempre quando e plantado algo no canteiro vai ser cultivado, devido à condição climática e no manejo correto com a terra.

Figura 4 – Cultivo agrícola em canteiros suspensos na COPG



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Quanto à forma de cultivo dos produtos agrícolas pelos agricultores, ela se dá em canteiros suspensos (figura 4) e principalmente no cultivo de hortaliças e ervas medicinais no contato direto com o solo, o permite que as plantas se desenvolvam

melhor, com a separação de cada produto agrícola das famílias estabelecidos. Toda a sua ação produtiva é realizada de forma manual, com pouca utilização de máquinas, nesse sentido o produto agrícola comercializado *in natura*, sofrendo pouco beneficiamento.

O preparo do solo antes do plantio com uso de práticas sustentáveis resulta na melhor gestão e desempenho da extração dos recursos naturais, sem agredir o meio ambiente, utilizando segundo VEIGA et al.(2007, p.106) “ uma agricultura de baixos insumos externos, restringindo-se ao seu uso esporádico de herbicidas para o controle de invasoras nas pastagens e ao uso de medicamentos veterinários”.

A prática da agricultura na COPG é marcada pela combinação do cultivo de hortaliças como cheiro-verde, chicória, couve, jambú e salsa (figura 5), pomares de frutas (banana), lavouras permanentes (milho) e as ervas para fins alimentícios, medicinais para uso de banhos, chás, das principais ervas são caatinga de mulata, capim santo, manjerição.

Figura 5 – Área de produção de ervas e hortaliças na COPG

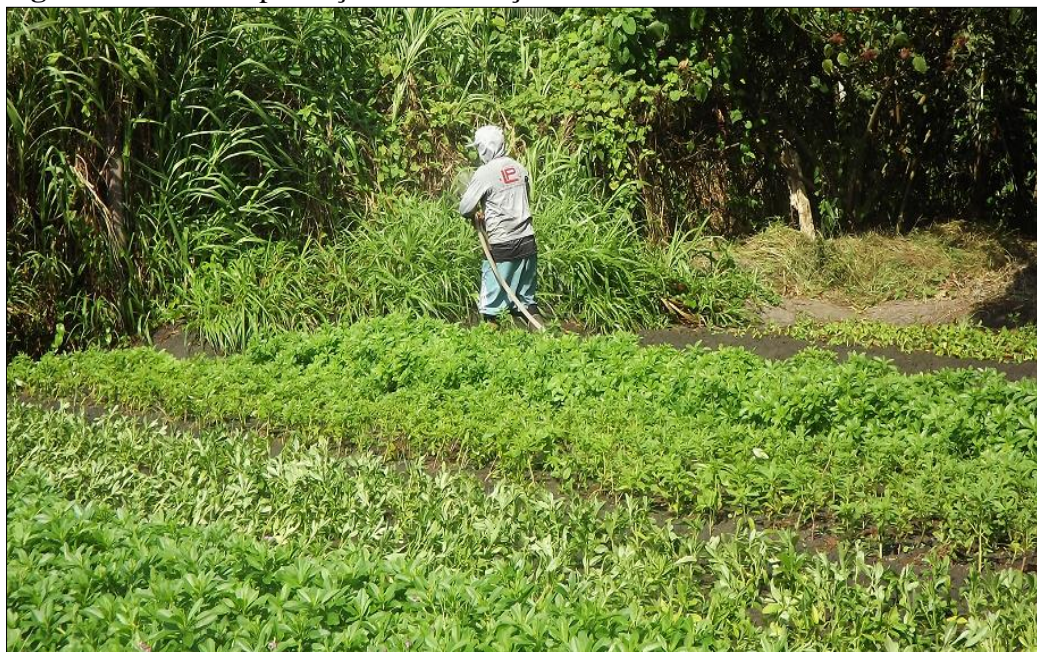


Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

A produção dos agricultores é feita nos estabelecimentos rurais da COPG, chegando a 14.000 m² a área produtiva e também nos quintais urbanos de suas residências. Na propriedade da cooperativa a produção é realizada o ano todo, em um curto período de tempo, devido à grande demanda no abastecimento alimentar da cidade e amplamente utilizados como tempero que compõe alimentação base dos consumidores na RMB(LEITE; LOPES, 2002).

No processo produtivo da Cooperativa cada agricultor possui um espaço próprio de produção chamado de “canteiro”, mas o trabalho e gestão da terra são realizados em conjunto. Enquanto organização de produção, os associados mais antigos possuem maior número de canteiros pelo fato de estar desde começo na cooperativa. Da divisão espacial da produção atual na cooperativa, temos no terreno próximo ao galpão de reuniões o cultivo é baseada nas ervas medicinais, couve, milho e no terreno atrás do galpão e realizada a cultivo da horticultura com destaque para jambú e cheiro verde (figura 6).

Figura 6 – Área de produção de hortaliças na COPG



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Outro tipo de produção dos agricultores entrevistados é realizado nas suas próprias residências (tabela 1), voltadas principalmente para consumo próprio e eventualmente também na troca e doação de produtos entre a vizinhança. O trabalho na cooperativa é dividido em etapas por canteiros e na residência a gestão e feitos pelos membros da família.

Tabela 1– Local de produção agrícola dos agricultores entrevistados

Local da produção agrícola	Frequência	%
Cooperativa	8	60%
Local próprio (Quintal)	6	40%
Total	14	100%

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Dos agricultores associados na COPG todos os oito entrevistados produzem na propriedade da cooperativa sendo seis deles também produzem nas suas propriedades, com destaque para produção de ervas medicinais, hortaliças, frutas, produção de milho e criação de pequenos animais (Aves e Suínos). Essa produção particular localizada em seu terreno faz com que os membros da família participem do processo produtivo nos quintais para o desenvolvimento da agricultura.

O que é cultivado no quintal permite às famílias um complemento de suas rendas, talvez, imperceptível para um cálculo econômico. O quintal também pode ser percebido num outro sentido. Para essas famílias, uma casa sem o quintal não seria uma casa, pois o quintal permite que se mantenha uma espécie de vínculo com a terra que se perdeu. Assim, o cultivo de pequenas plantações permite o contato direto com a terra, sentir o cheiro e o gosto da terra; é, quando retornam à terra que representa a realização de um desejo (LIMA, 2005, p.91).

O quintal sendo esses espaços privados de grande relevância na vida destas famílias seja no complemento alimentar e na renda familiar. Para os agricultores envolvidos que desenvolve agricultura nos quintais, variedade produtiva, comercialização, para autoconsumo ou também de cunho mais simbólicos no que concerne ao lazer e ao prazer de plantar, nesse sentido, a prática da agricultura representa mais que um trabalho se torna um ofício natural, em estar mexendo com a sua terra e além de proporcionar alimentos todos os dias para suas famílias, isso mostra a importância dessa atividade agrícola na vida dos agricultores (SILVA, 2012).

Tabela 2 – Dificuldades enfrentadas pelos agricultores entrevistados

Dificuldades	Frequência	%
Escoamento da produção	5	70%
Alto preço do adubo	2	20%
Atraso do repasse pela política pública (PAA) *	1	10%
Total	8	100%

Fonte: Pesquisa de campo, 2015. Nota: *Programa de Aquisição de Alimentos.

Dos problemas enfrentados os agricultores (tabela 2) afirmaram que o maior obstáculo e na hora da comercialização, 70% declararam dificuldades no que se refere ao escoamento dos produtos, devido à falta de um transporte regular que coloque em trânsito a produção deles, o que provoca mais um gasto que é o frete do veículo. Alguns agricultores possuem carro para transporte, mas o escoamento é feito de forma particular sem passar pela COPG. Outra dificuldade segundo os agricultores é no alto

preço dos insumos como o adubo o que dificulta no lucro total no final do processo da produção.

No que se refere à infraestrutura, em alguns pontos do bairro do Curuçambá se acentuam inúmeros contrastes socioespaciais que nestas áreas ocorrem problemas urbanos como carências nos serviços básicos e essenciais com o alto percentual de domicílios carentes, à falta de água frequente o que prejudica o processo de irrigação na produção, áreas com alto risco de alagamento pela falta do saneamento básico o que prejudica na hora da comercialização na entrada e saída de veículos devido às ruas poucas asfaltadas (SANTOS, 2012).

No que se refere à dificuldade dessas políticas públicas de crédito rural como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), as reclamações são no atraso do repasse do governo federal para 10% dos agricultores entrevistados. O tempo gasto nessa espera provoca no produtor contratado pelo programa o desalento em participar pelo fato de não ter acesso aos recursos para realizar os pagamentos pendentes com insumos, transportes e outros bens materiais adquiridos no formato de compra a crédito no mercado local.

Para vender o PAA o preço fora da safra não é atrativo, quando chegam os meses de julho (férias) e agosto são dois meses que não há mercado para os nossos produtos, assim ficando sem valor. A Conab compra o excedente na época da safra, mas fora desse período o crédito rural acaba e às vezes chega atrasar o pagamento. O pequeno agricultor pouco participa porque ele acha que consegue vender no mercado local a toda a sua produção (Presidente da COPG, 2015).

Neste relato, evidenciam-se as barreiras de comercialização nos períodos fora de época para o programa, os preços são estabelecidos pela política pública o ano todo, e falta da flexibilidade da alteração do valor do produto fora da safra desvaloriza o produto regional do pequeno produtor no mercado e favorece o grande produtor que possui um mercado certo.

3.2. ESTRATÉGIAS DE COMERCIALIZAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DA COPG NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM (RMB)

Para atenuar as dificuldades enfrentadas os agricultores organizam-se e criam estratégias relacionadas à comercialização dos seus produtos, com a venda em conjunto em feiras espalhadas na RMB (tabela 3), procurando sempre os melhores mercados promissores para venda total e na melhor circulação da sua produção, ocorre ainda a venda na própria casa dos agricultores, onde já são estabelecidos clientes fixos, na

própria vizinhança, que quando precisam dos produtos *in natura* procuram os agricultores, proporcionando ganhos na renda familiar.

Tabela 3– Local de comercialização dos agricultores entrevistados

Local da venda	Quantidade	%
Feira de Ananindeua	2	15%
Feira da Cidade Nova IV	3	20%
Feira do PAAR	1	5%
Feira do Ver-o-Peso (Mercado do Jambú)	1	5%
Feira do Entroncamento	2	15%
Venda na própria residência	6	40%
Total	15	100%

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

As formas de comercialização são realizadas com o contato direto com mercados consumidores, que incluem os seguintes pontos de venda em feiras na RMB, como: a feira mais importante de Belém a feira do Ver-o-Peso com 5% dos agricultores, especificamente (Mercado do Jambú). A Feira do Entroncamento e a feira de Ananindeua são abastecidas com 15% dos agricultores que comercializam todos os seus produtos (ervas medicinais, frutas e hortaliças), a venda é realizado duas vezes na semana por veículo alugado. Na feira localizada na Cidade Nova IV o número de agricultores aumenta com 20%, devido à proximidade do bairro do Curuçambá com a feira, são vendidos todos os produtos, segundos os agricultores na feira do IV proporciona maior nível de venda pelo fato da alta procura dos produtos hortifrutigranjeiros e pela grande movimentação de pessoas na feira. Já na feira do PAAR é atendida com 5% dos agricultores na comercialização das ervas medicinais e hortaliças (couve e jambú).

A maior frequência da comercialização dos agricultores entrevistados da COPG (40% deles) é realizada na própria residência, onde o produto agrícola sai direto da horta do quintal para o cliente, o mercado consumidor formado pela figura do atravessador adquire uma parte da produção e a outra parte pelos próprios vizinhos, devido à aproximação maior com o quintal urbano produtivo dos agricultores que facilita na hora da comercialização e na tradição da venda para esses clientes certos.

Esse tipo de subsistema econômico e mercadológico praticado pelos agricultores está baseado, segundo Santos (2012), no circuito inferior da economia urbana, que é pautado em atividades de pequeno porte, compreendendo atividades tradicionais,

manuais e praticam vendas autônomas na qual possuem pequenas mercadorias, nesse tipo de sistema é essencialmente constituído por formas de fabricação de capital não intensivo, ou seja, por serviços não modernos, feitos de formas simples e geralmente esse mercado abasteceum nível de venda e varejo o comércio de pequena escala.

A lógica e a realidade dos agricultores, no circuito inferior, são na “acumulação de capital não interesse primordial, ou nem mesmo interessa. A tarefa primordial é a de sobreviver e assegurar a vida familiar diária, bem como participar, o quanto possível, de certas formas de consumo peculiares” (SANTOS, 2012, p.102), aplicabilidade de capital está voltada para manutenção e reprodução de suas hortas, por isso a predominância do circuito inferior nas relações comerciais dos agricultores.

Enquanto símbolo espacial do circuito inferior às feiras na RMB, que representam o local de comercialização dos agricultores e graças ao contato direto com a clientela a publicidade ou propaganda não é necessária, para Santos (2012, p.102) “a margem de lucro é pequena e vai diretamente para a sobrevivência da família do desencadeador da atividade”.

As feiras enquanto espaços de comercialização dos agricultores de Ananindeua guardam uma característica própria na relação produtor e com o consumidor, que consiste na flexibilização, por exemplo, dos preços dos produtos.

A feira é por excelência o espaço que proporciona tradicionalmente trocas comerciais, o compartilhar de experiências, a possibilidade do encontro. Neste contexto, entende-se a feira, como um local institucionalizado de trocas, com seus agentes sociais, os quais lhe imprimem as práticas cotidianas que caracterizam este espaço, o qual se configura enquanto peça central para a sobrevivência de muitos que dependem destes espaços, cobertos ou improvisados com barracas ao ar livre, para comercializarem seus produtos (SILVA, 2012, p.146).

Esse espaço de comercialização caracterizado pelas feiras facilita no contato direto com mercado consumidor sendo passíveis a alteração do valor do produto pela conversa do ato da pechincha (SANTOS, 2012). As alterações de valor podem ou não ocorrer pelas oscilações do produto no mercado por ser alimentos possui prazo de validade, assim o produto vai determinar a que preço pode ser vendido, sendo que nos melhores estado de conservação no período curto de tempo a venda é melhor e maior, outro fato e pela quantidade colhida mais produtos a oferecer maior número de clientes ele vai receber, produtos desde as hortaliças até as ervas medicinais e aromáticas, isso faz com que as oscilações nos preços dos produtos são constantes em feiras e mercados locais.

A caracterização da feira além de espaço de circulação e exposição de seus produtos agrícolas ela também se torna espaço de reprodução rural e para Sá et al. (2006, p.113) “trocas materiais e simbólicas entre aqueles que são produtores agrícolas e feirantes vendedoras de hortifrutigranjeiros”. A feira nesse sentido se torna local de simples contato, para uma conversa direta com cliente criando vínculo, para rever outros agricultores de lugares diferentes, saber história de cada família, as trocas simbólicas e materiais presentes nesse lugar simples e tradicional para os agricultores com idas e vindas sejam de produtos até as parcerias construídas ao longo do tempo.

A feira, enquanto lugar permite a apropriação da rua, porque cada um pode escolher o seu ponto de venda e “tomar de conta” como eles dizem. O “tomar de conta” implica em se sentir igual a todos os demais vendedores. É como se dissesse: eu tenho um lugar na feira, naquela rua, pois, então, a rua também me pertence. O pertencer a algum lugar dá um sentido bastante próprio às suas vidas, sobretudo reforçando esse espaço que é bastante próprio, que se constrói por meio dessas práticas (LIMA, 2005, p.94).

A forma do uso e representação das feiras serve para esses trabalhadores rurais manter as suas relações de ajuda mútua, na troca de experiências com outros agricultores sobre produção e comercialização que fortalece a categoria e as relações sociais entre eles para com a prática da agricultura nesse sentido que a feira se torna espaço, em que estes para Lima (2005, p.96) são “trabalhadores rurais e suas famílias continuam a encontrar maneiras de fazer viver da atividade agrícola, seja do ponto de vista material ou não”.

Outra estratégia utilizada por um dos agricultores, no ato da comercialização, e na venda em feiras itinerantes que consiste na circulação dos produtos agrícolas por trechos específicos da cidade, obedecendo a uma lógica particular, mais buscando lugares com maiores movimentações para aumento da possibilidade de venda e do ganho de clientes certos espalhados pela cidade (SANTOS, 2014).

Alguns desses feirantes em sua rotina diária, pela qual produzem novas estratégias de utilização do tecido urbano. Através dessa modalidade de mercado itinerante é possível perceber variados usos e sentidos dos espaços, construídos a partir das relações desenvolvidas cotidianamente, expressas não apenas por aspectos econômicos, mas simbólico-culturais, percebidos não só na relação feirante/cliente, dos apelos verbais, da conquista, mas também no modo como feirante escolhe e utiliza os mais diversos espaços da cidade (SANTOS, 2014, p.92).

Nos estudos de Santos (2014), esse ir e vir contínuo aumenta a possibilidade da venda dos produtos, o agricultor vê possibilidades de se inserir no mercado, criando

estratégias e (re)criando espaços para comercialização, colocando em movimento diariamente sua produção.

Essa feira itinerante envolve as áreas centrais dos bairros do Curuçambá, Maguari e da Cidade Nova, o veículo é abastecido na residência do agricultor e sai para venda de duas a três vezes da semana. Mas esse tipo de feira ainda é limitado, pela falta de veículo para transporte, dos agricultores entrevistados apenas dois possuem veículos que possam movimentar a sua produção, nesse tipo de comercialização o custo é alto devido à manutenção do carro e pelo preço do combustível.

Nos períodos de grande colheita a feira itinerante é realizada três vezes na semana, sendo de preferência por ruas mais movimentadas dos bairros que concentram maior número de pessoas no município que possam consumir os produtos; geralmente pela manhã devido às hortaliças e ervas medicinais saírem bem frescas dos canteiros colhidos levando até o mercado consumidor, aumentando seu nível de renda.

Os agricultores familiares assim como e (re)criamestratégias socioespaciais referentes à comercialização. A socialização entre os cooperados se torna mecanismo na melhora da produção e na cumplicidade entre as famílias. Enquanto a comercialização, os sistemas de trocas da produção nos mercados de Ananindeua e Belém se torna a real possibilidade da relação socioespacial expressada pelo rural e o urbano na RMB.

CONCLUSÃO

Analisou-se neste trabalho a reprodução da agricultura familiar numa área periurbana do município de Ananindeua, com ênfase na experiência desenvolvida no bairro do Curuçambá, na Cooperativa dos Produtores Gleba Guajará-Pará(COPG). Constatou-se a presença de atividades agrícolas desenvolvidas nas áreas ditas urbanas do município, situadas mais na área periurbana do município.

Essas iniciativas produtivas no município de Ananindeua possuem limitações físicas quanto sua área para produção, por causada plena expansão urbana em busca de novas áreas para instalação e construções urbanas. Apesar dessa limitação física os trabalhadores rurais permanecem no espaço delimitado e considerado periurbano, em que por meio da agricultura familiar com se torna um importante segmento estratégico para uma parcela da população que produz essa atividade para o sustento socioeconômico das suas famílias.

Por meio da cooperativa e associações os agricultores no bairro do Curuçambá

revelaram o fortalecimento da categoria, na melhora produtiva com a organização do trabalho e ajuda mútua ou pelo ato da cumplicidade as relações de reciprocidade entre os agricultores.

O trabalho de campo também revelou que o local de produção dos agricultores é realizado no estabelecimento rural. Na cooperativa o processo produtivo é feita com utilização da mão-de-obra familiar, pouca utilização de máquinas, basicamente trabalho manual, técnicas da agricultura orgânica e tradicional com cultivo direto no solo ou em canteiros suspensos. Outro local de produção é realizado nos quintais urbanos das residências, sendo espaços particulares onde às famílias adquirem seu alimento e também complemento de suas rendas.

No que se referem à variedade das espécies cultivadas pelos agricultores, a diversidade produtiva nas hortaliças (cheiro-verde, chicória, couve, jambú e salsa), pomares de frutas (banana), lavouras permanentes (milho) e as ervas para fins alimentícios, medicinais para uso de banhos, chás, das principais ervas são caatinga de mulata, capim santo, manjerição.

Das estratégias de comercialização da sua produção verificou-se que os agricultores familiares escolhem os melhores mercados promissores na RMB, aumentando seu rendimento em níveis de renda. Os agricultores do Curuçambá utilizam dois tipos de feiras, a feira fixa no espaço, como é no caso da feira do Ver-o-Peso, a mais importante da RMB e a Feira da Cidade Nova são mais frequentadas pelos agricultores. Outro tipo de feira é a feira itinerante que proporciona ganhos no acesso a novos mercados e socialização com novos clientes, colocando em trânsito seus produtos. A venda também é realizada na própria residência, nesse mercado já estabelecido os clientes a maioria os vizinhos ou moradores no bairro buscam produto agrícola com preço mais em conta e também na melhor qualidade, pois sai direto da horta para o consumidor.

REFERÊNCIAS

BASTOS, E. B. B. A contribuição da cultura para o desenvolvimento do território: um olhar de Ananindeua, na região metropolitana de Belém, Pará. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia. 2013.

FERREIRA, R. J. Agricultura urbana e periurbana e políticas públicas: contribuição à discussão do tema a partir de uma análise espacial em Recife e Vitória de

Santo Antão/PE. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Recife, 2013.

IDESP, INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DO PARÁ. **Estatística Municipal de Ananindeua**. 2013.

LEITE, G. M.; LOPES, M. L. B. Agricultura Urbana: Análise da experiência desenvolvida na comunidade do Curuçambá. In: TOBIAS, M. S. G; LIMA, A. C. (Orgs.) **Urbanização & Meio Ambiente**. Belém: UNAMA, 2012.

LIMA, R. M. **Espaços urbanos e rurais na cidade**: Um estudo sobre os trabalhadores rurais em Imperatriz no Estado do Maranhão. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaespacial/16.pdf>. Acessado em 9 outubro de 2014.

MARIN, R. E. A.; CASTRO, E. M. R. **No Caminho de Pedras de Acabatal**: experiência social de grupos negros no Pará. Belém: NAEA/ UFPA, 2ª ed. 2004.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada**: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos. 2004. Disponível em: <www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf>. Acessado em: 10 set. 2015.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

MOUGEOT, L. J. A. **Agricultura Urbana -conceitos e definições**. Revistade Agricultura Urbana, RUAF - Centro de Recursos em Agricultura e Silvicultura Urbanas, jul.2000. Disponível em: <www.agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1conceito.html>. Acessado em: 10 de agosto de 2014.

SÁ, M. E. R.; COSTA, S. M. G.; TAVARES, L. P. O. O rural-urbano em Santarém: interfaces e territórios produtivos. . In: CARDOSO, A. C. D. (Org.). **O rural e o urbano na Amazônia**: diferentes olhares em perspectivas. Belém: EDUFPA, 2006.

SANTOS, M. Os dois circuitos da economia urbana e suas implicações espaciais. In: _____. **Da Totalidade ao Lugar**. 1 ed. 2 reimpr. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, D. M. **Fronteiras (In)Visíveis da Cidade Capitalista**: segregação socioespacial no conjunto parque Modelo II/ Ananindeua-PA. Dissertação Mestrado em Serviço Social – Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

SANTOS, G. V. Ir e vir contínuo: usos e sentidos do espaço urbano entre feirantes em Belém. In: RODRIGUES, C; SILVA, L; FERREIRA, R. F. (Orgs.) **Mercados populares em Belém**: produção de sociabilidade e identidades em espaços urbanos. Belém: NAEA, 2014.

SEQUEIRA, G. R. **Agricultura urbana e periurbana no Curuçambá em Ananindeua, Região Metropolitana de Belém**: perspectivas e desafios. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente, Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, Belém, 2014.

SILVA, E. R. R. **Agricultura urbana**: contribuição e importância dos quintais para a alimentação e renda dos agricultores urbanos de Santarém. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Belém, 2011.

SILVA, P. O. **A reprodução da agricultura familiar na Região Metropolitana de Belém no início do século XXI**: um estudo acerca dos agricultores dos bairros de Almir Gabriel e Uriboca no município de Marituba (PA). Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

SPÓSITO, M. E. B. A questão cidade-campo perspectivas a partir da cidade. In: SPÓSITO, M. E. B; WHITACKER (Orgs). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

VEIGA, I. & OLIVEIRA, M. & BENTES, F. Políticas públicas e dinâmicas locais da agricultura familiar no sul e sudeste do Pará. In: TONNEAU, J. P. & SABOURIN, E. (Orgs.). **Agricultura familiar**: interação entre políticas públicas e dinâmicas locais: ensinamentos a partir de casos. Porto Alegre: UFRGS, 2007.